



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA**

ISABEL MACHADO DA SILVA

**BILINGUISMO NO BRASIL:
UM ESTUDO EM DUAS ESCOLAS DO DISTRITO FEDERAL**

**Brasília - DF
2014**

ISABEL MACHADO DA SILVA

**BILINGUISMO NO BRASIL:
UM ESTUDO EM DUAS ESCOLAS DO DF**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção da graduação no curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação localizada na Universidade de Brasília – UnB.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Otília Maria A.N.A. Dantas

Brasília - DF
2014

ISABEL MACHADO DA SILVA

**BILINGUISMO NO BRASIL:
UM ESTUDO EM DUAS ESCOLAS DO DF**

Monografia submetida como requisito para obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação - FE, da Universidade de Brasília, em 07/07/2014, apresentada e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof.^a Dr.^a Otília Maria A.N.A. Dantas, UnB/FE
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Solange Alves de Oliveira, UnB/FE
Membro Convidada

Prof.^a Dr.^a Vera Aparecida de Lucas Freitas, UnB/FE
Membro Convidada

A Deus por me dar sabedoria e paciência em todos os momentos. Aos meus pais Rosângela e Fábio pela compreensão e carinho. Ao meu irmão Leonardo pelo apoio e aos meus amigos por todo incentivo. E a minha orientadora que acreditou no trabalho para construção de uma nova visão de educação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida e por me abençoar em mais esta etapa importante.

Aos meus pais, Rosângela e Fábio, que sempre acreditaram em mim me dando forças a continuar em frente e pelo amor incondicional. Ao meu irmão, Leonardo, por todo carinho e afeto e aos meus avós pela afeição e cuidado.

Aos meus amigos Caroline, Rodrigo, Camila, Diego, Aline e Marianna que mesmo distantes continuam me apoiando e por todo afeto que demonstraram principalmente nos momentos de ausência.

As minhas colegas de profissão com quem trabalhei durante o período de estágio e que contribuíram para minha aprendizagem com as práticas pedagógicas de sala de aula.

A todos os professores do Instituto Federal do Pará e da Universidade de Brasília pelo conhecimento proporcionado para minha formação profissional.

Finalmente, mas não menos importante, a professora – orientadora Dra. Otília Dantas por concordar com este tema e ter incentivado a continuar até a realização desta monografia.

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”
Paulo Freire.

RESUMO

Este é um trabalho de conclusão de curso resultado de uma pesquisa desenvolvida desde a disciplina Projeto 3. Trata-se de um breve estudo sobre a prática do bilinguismo e a função social de duas escolas bilíngues do Distrito Federal. A finalidade é esclarecer quem são os sujeitos bilíngues e o porquê da escolha por essas escolas. Metodologicamente, a pesquisa de cunho qualitativo, analisou os discursos dos responsáveis de alunos e alguns professores, para, através da Análise de Discurso, compreender acerca da prática do bilinguismo no Brasil. Duas escolas foram o campo da pesquisa, sendo uma particular considerada bilíngue e a outra um centro de línguas, de natureza pública, ambas localizadas em Brasília, Distrito Federal. Os princípios teóricos pautaram-se em Harmers e Blanc (2000), especialmente quando abordam sobre as seis dimensões do bilinguismo e suas teorias foram as que explicaram com mais propriedade o conteúdo. Conceituou-se a origem, os fundamentos e as diferenças do bilinguismo. Os resultados apontam que entender esse assunto é, primeiro, necessário perceber o contexto em que esse sujeito se encontra e que no Brasil se pratica o bilinguismo, mas não se tem consciência disso, tendo em vista que há um mito de que ser bilíngue é próprio da elite. Tanto os professores como os pais/responsáveis pelos alunos compreendem que o bilinguismo é uma prática destinada a uma minoria. Concluímos que o bilinguismo no Brasil se diferencia do americano devido a importância dada a primeira língua. Nos Estados Unidos, todos, sejam nativos ou imigrantes, devem aprender a L1/Língua materna como forma de inserção social. No Brasil, aprende-se a L2/segunda língua como forma de segregação social.

Palavras-chave: Bilinguismo. Função social da escola. Língua Materna. Segunda Língua.

ABSTRACT

This work is a result of completion of a research discipline developed from Project 3. This is a brief study on the practice of bilingualism in Brazil and the social function of bilingual schools in DF. The purpose is to clarify who are the bilingual subjects and why the choice of these schools. Methodologically, a qualitative research, analyzed the speeches of the heads of students and some teachers, for, through Discourse Analysis, understanding about the practice of bilingualism in Brazil. Two schools were the research field, with a particular considered bilingual and other language center of a public nature, both located in Brasília, Distrito Federal. The theoretical principles guided in Harmers and Blanc (2000), especially when dealing on the six dimensions of bilingualism and his theories were that explained more property content. Conceptualized the origin, the reasons and differences of bilingualism. The results point to understand this matter is first necessary to understand the context in which the subject finds in Brazil and that bilingualism is practiced, but not aware of it, given that there is a myth that being bilingual is itself elite. Both teachers and parents / guardians by the students understand that bilingualism is a practice aimed at a minority. We conclude that bilingualism in Brazil differs from the U.S. due to the importance given to the first language. In the United States, all, whether native or immigrant must learn maternal L1/mother tongue as a means of social inclusion. In Brazil, one learns to L2/second language as a form of social segregation.

Keywords: Bilingualism. Functions of school. Mother tongue. Second language.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Minha mãe Rosângela e eu	11
Figura 2 - Meu pai Fábio, irmão Leo e eu	12
Figura 3 - Meu pai Fábio e eu	13
Figura 4 - Certificação de proficiência em inglês	14
Figura 5 - Competência relativa	23
Figura 6 -. Organização cognitiva	23
Figura 7 - Idade de aquisição	24
Figura 8 - Presença ou não de indivíduos falantes	24
Figura 9 - Status do bilinguismo	25
Figura 10 - Identidade cultural do bilinguismo	25
Tabela 1 - Escolha da escola pelos pais	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IFPA	Instituto Federal do Pará
UnB	Universidade de Brasília
L1	Língua 1 ou língua materna
L2	Língua 2, segunda língua ou língua estrangeira

SUMÁRIO

BEL BILÍNGUE: DE CRIANÇA À PROFESSORA	11
INTRODUÇÃO	16
1. CONTEXTO E CONCEITOS DO BILINGUISMO	18
1.1 A torre de Babel: o contexto do bilinguismo no Brasil comparado aos Estados Unidos	18
1.2 Enfim, o bilinguismo	21
2. A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA BILÍNGUE	27
2.1. Análise dos dados	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICES	40
APÊNDICE A – Questionário aplicado aos pais da escola 1 (particular)	40
APÊNDICE B – Questionário aplicado aos professores da escola 2 (pública)	43

BEL BILÍNGUE: DE CRIANÇA À PROFESSORA

“Bel é uma menina cheia de imaginação e de perguntas sobre a vida. No convívio imaginário com o passado, Bel passa a entender melhor seu presente e começa a projetar seu futuro. Três tempos e três vivências que se cruzam e se completam numa só pessoa: a menina Isabel.”
(Bisa Bia, Bisa Bel, MACHADO, 2007)

Vou te contar uma coisa que ninguém sabe. É segredo! A vontade de ser professora foi surgindo na minha vida de uma maneira tão natural! E esse desejo não começou por inspiração de filmes ou novelas. Pode ser que as professoras da educação infantil tenham certa influência, mas acredito que minha maior inspiração foi minha mãe. Quando eu tinha cinco anos, ela estava cursando o antigo magistério. Eu lembro que ela inventava várias brincadeiras para apresentar no curso e experimentava-as com meu irmão e eu. Como era divertido!

Figura 1: Minha mãe Rosângela, meu irmão Leonardo e eu

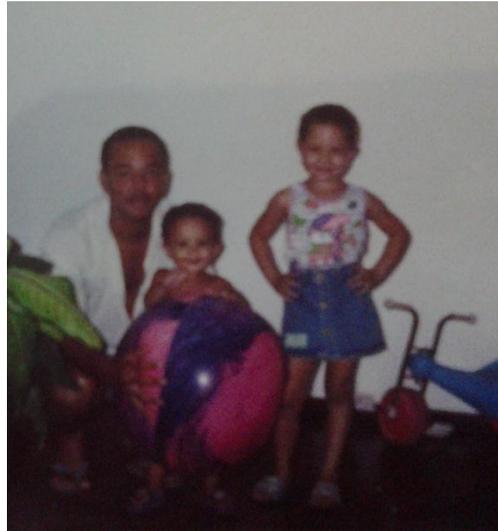


Fonte: Arquivo pessoal

Meu pai sempre diz que minha mãe é engraçada. Porque ela não é parecida com as outras mães. Sabe aquela mãe que te dá liberdade e faz você aprender por conta própria? Mas ao mesmo tempo está ali, escondidinha, fingindo que não está vendo, porque caso você caia ou se machuque ela está lá para te acolher? Pois é. Essa é minha mãe! E ela é uma professora incrível! Às vezes até sentia ciúmes de quando os alunos dela a viam e saiam correndo para abraça-la. Ela é muito querida!

Ele, meu pai, não é muito diferente. Quem olha para ele, com seu jeito sério de militar, não acredita a pessoa que é. Muito brincalhão e prestativo, sempre está pronto a ajudar. Mas se for preciso dar umas lições de moral, xiiii, é melhor você escutar!

Figura 2: Meu pai Fábio, irmão Leonardo e eu



Fonte: Arquivo pessoal

O Leo, meu irmão caçula, sempre foi muito falante. Conseguia fazer amizade com qualquer pessoa, independente da idade: crianças, jovens, adultos ou até mesmo os mais velhos. Ele tem muito carisma e espírito de liderança.

Nossa! Falei da minha família e esqueci de me apresentar. Meu nome é Isabel, mais conhecida como Bel. Sou uma pessoa muito tímida, mas ao redor de pessoas conhecidas posso ser bem extrovertida. E como estava dizendo anteriormente, foi minha mãe quem me influenciou para ser professora. Um dia conversando com ela descobri uma coisa que não lembrava! Ela me contou que quando eu era bem pequena, colocava minhas bonecas todas sentadas ao redor de mim, pegava meu pequeno quadro negro e fingia estar ensinando algum assunto e normalmente eu falava de um jeito divertido, como se estivesse ensinando em uma linguagem diferente, esse seria meu primeiro sinal de interesse pela linguagem estrangeira.

A partir da quinta série, aos 11 anos, a escola em que estudava lá na cidade de Belém do Pará, iniciava os cursos extracurriculares com turmas voltadas para o ensino de idiomas. Lembro-me que em uma aula dessas uma moça pediu alguns minutos da professora para divulgar esse projeto. Ela começou a falar “bom dia” em várias línguas e aquilo me deixou encantada!

Ao escolher a língua estrangeira perguntei aos meus pais o que eles me indicavam. Meu pai disse logo que o inglês era uma língua muito falada em vários países, então optei por essa língua vernácula. Minhas notas na escola eram boas e no decorrer do curso de inglês descobri que tinha muita facilidade em aprender essa segunda língua.

No final do sexto ano, meu pai nos disse que iríamos ser transferidos para a cidade de Brasília. “Nossa! Brasília? É muito longe!”, pensei. Mas logo me animei em morar em outra cidade.

Ao chegarmos em Brasília, fiz a prova para o Colégio Militar, onde consegui ser aprovada. Fiquei feliz e com um pouco de medo no início, confesso. Mas o colégio não era muito diferente do meu anterior, que também era estilo militar.

Figura 3. Meu pai Fábio e eu



Fonte: Arquivo pessoal

Quando estava no primeiro ano do ensino médio, meus pais perceberam que cada vez mais me interessava em aprender a língua inglesa. E assim perguntaram se eu gostaria de me aprofundar mais no vocabulário e na fala. Concordei e logo iniciei meus estudos em curso de idiomas.

No final do terceiro ano do ensino médio, meu pai fora transferido novamente. Estávamos voltando para Belém, minha querida cidade. Assim que cheguei percebi que muita coisa havia mudado. Reencontrei velhos amigos, comecei a fazer os vestibulares e me inscrevi em outro curso de inglês.

Passei no vestibular no Instituto Federal do Pará (IFPA), para o curso de Pedagogia. Foi uma alegria para minha família e especialmente para mim ver meu nome na lista de aprovados! E logo nos primeiros semestres no IFPA senti vontade de saber como seria o ensino de outra língua para crianças na educação infantil.

Cursava aos sábados o inglês paralelamente as aulas de Pedagogia. Eram quatro horas ouvindo, lendo e conversando nesse idioma. Eu gostava muito! Após um total de cinco anos no curso de inglês (entre as transferências de Belém e Brasília) consegui me formar! Na

festa de entrega do certificado me sentira realizando um sonho (Figura 4). Agora poderia dizer que sou bilíngue! Ou será que não? Mas isso definirei no decorrer da monografia.

Figura 4. Certificação de proficiência em inglês



Fonte: Arquivo pessoal

Meu pai fora indicado para retornar a Brasília alguns meses após minha confraternização. Neste momento não me senti tão feliz quanto da primeira. Deixaria para trás a faculdade, os amigos, namorado, parentes... Tudo seria diferente, mas era necessário ir.

Em Brasília, logo consegui transferência e segui para entrar na Universidade de Brasília (UnB), onde fui muito bem recebida. Muitas disciplinas foram creditadas e iniciei as aulas no segundo semestre de 2012. Foi procurando estágios que encontrei uma escola bilíngue. Uma das coordenadoras da escola analisou o meu currículo e consultou sobre o meu interesse em atuar como professora auxiliar. Confirmei e fui no dia seguinte para a entrevista. A coordenadora dividiu a entrevista em duas partes: a primeira em português e a segunda em inglês. Fiquei bastante nervosa, mas saí de lá com o sentimento de dever cumprido.

No turno da tarde, naquele mesmo dia, a coordenadora me ligou e disse: “Parabéns Isabel! Você foi selecionada!”. UAU! Eu? Numa escola bilíngue? Pulei, dancei, gritei de felicidade! Outra conquista! Agora poderia fazer duas coisas que mais me agradavam: a junção entre pedagogia e a língua inglesa.

Na UnB, quando comecei a disciplina Projeto 3 com a professora Otília Dantas, precisava definir o meu projeto de estudo. Então decidi investigar o bilinguismo na educação infantil. O projeto tinha o seguinte tema: “A importância da aprendizagem de uma segunda língua na educação infantil”, tendo por objetivo analisar o ensino de uma língua estrangeira para alunos com dois anos de idade, (que é a faixa etária que trabalho na escola supracitada), quais as evidências de aprendizagem, como os alunos demonstram aprendizado da língua

inglesa, quais princípios a escola desenvolve, quem são os pais e o porquê da escolha de uma escola canadense.

Eu tinha como foco compreender, diferentemente das escolas habituais de educação infantil que abordam exclusivamente a língua materna, qual a importância de um segundo idioma, no caso o inglês, para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Fui aplicando questionário aos pais no segundo semestre do ano de 2013 e as respostas analisadas com os artigos estudados me fizeram refletir sobre o conceito de bilinguismo, fazendo mudar minha concepção sobre a temática.

O estudo suscitou em mim algumas questões: Por que aprender outra língua? Significa desvalorizar nossa própria? Ou será um impulso a imersão no mundo da informação? Para responder essas perguntas, implica primeiro, entender os diversos fatores que levam o sujeito a estudar outros idiomas. Mas o principal é a valorização e uso sócio-cultural da língua. Diferentemente dos Estados Unidos que desenvolve programas de incentivo/ mergulho na L2, no Brasil, estudar e se apropriar de uma segunda língua é sinal de poder. Bem, mas vou parar por aqui e convidá-los a me acompanhar neste trajeto de descobertas e possibilidades pedagógicas que construí no decorrer desta monografia. Porém, um rápido esclarecimento: qual o sentido do memorial numa monografia? Como diz Martinazzo (200,p.10) “é um desvelamento autobiográfico da história de vida de cada um em forma de narrativa (...) carregada de auto compreensão onde cada um busca compreender o em-si-mesmo e o ser-com-os-outros a partir dos diferentes contextos socioambientais”. Portanto, foi nesta perspectiva de reflexão sobre meu processo de escolarização, vivências, experiências e práticas do futuro docente que construí este memorial. Penso que o leitor, agora, me conhecendo um pouco mais, irá entender as próximas páginas deste trabalho.

Seja bem vindo (a)!

INTRODUÇÃO

Com a globalização a sociedade passa por vários avanços, dentre eles a exigência e aperfeiçoamento constante não apenas de sua língua materna como também o domínio de outro idioma.

A língua inglesa está cada vez mais inserida em nosso cotidiano. Pode ser encontrada em revistas, músicas, filmes, séries, desenhos e em vários outros métodos de comunicação. E por ser uma das línguas mais faladas do mundo, o inglês ganhou várias dimensões significativas no campo da ciência, medicina, entretenimento, tecnologia e atualmente na educação. Por esse motivo, há uma maior procura para aprender essa língua com o objetivo de aprimorar a vida profissional, conhecer novas culturas ou até mesmo por lazer.

Percebendo esses avanços, foram criados os institutos de línguas que dedicam-se a preparar adultos e crianças a tornarem-se fluentes em uma segunda língua. Com esse aprimoramento, vem a necessidade das escolas regulares inserirem em seus currículos, outras línguas, para oportunizar o aprendizado de uma segunda língua aos estudantes. Há também escolas que na educação infantil incorporam a língua inglesa facilitando a aprendizagem efetiva do idioma. Os estudos sobre bilinguismo ainda são recentes no Brasil, embora tenha alguma repercussão sobre o assunto.

As escolas públicas do Brasil, mesmo inserindo o ensino do inglês em seus currículos, não atribuem o devido valor ao domínio de uma segunda língua. O inglês é estudado de forma mecânica e pouco significativa.

Na mesma realidade brasileira encontramos situações contrárias – as escolas particulares. Ali os alunos “realmente” aprendem uma língua estrangeira, pois estão inseridos em ambientes propícios dentro e fora da instituição escolar, devido alguns familiares se comunicarem na segunda língua ou pela facilidade de viagens ao exterior. Certas escolas se denominam bilíngues. Outras inserem o curso de idioma no mesmo espaço da escola regular (particular). Por que a diferença?

Entendemos que, seja mecânico ou contextualizado, o ensino da língua estrangeira no Brasil padece de um complexo de inferioridade de que só é capaz de ser bilíngue quem tiver condições de frequentar escolas bilíngues, pois o curso de idiomas não é capaz de tornar o aprendiz bilíngue.

Para a realização da coleta de dados foram aplicados questionários aos pais e professores de duas escolas sendo a primeira com a filosofia educacional canadense fazendo um ajuste ao currículo nacional, tendo como princípios pedagógicos interdisciplinares buscar a aprendizagem de crianças de dois a treze anos de idade e contemplar o desenvolvimento intelectual, social, físico e emocional das mesmas. A segunda é uma escola especializada no ensino de Línguas Estrangeiras Modernas. Essa escola é pertencente à Rede Pública que oferece cursos de alemão, espanhol, francês e inglês a estudantes a partir do sexto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio.

Em ambas, as atividades são apresentadas individualmente ou em grupos e os conteúdos são interligados de forma temática e dinâmica. Outro ponto importante é a comunicação com a sociedade escolar que é muito exercitada, cujo foco é desenvolver pessoas capazes de construir habilidades de compreensão do primeiro contato com outro idioma. Para melhor entendimento no decorrer do trabalho, serão utilizados termos como Língua Materna ou L1 e Segunda Língua, Língua Estrangeira ou L2.

Em síntese, o campo desta pesquisa localiza-se no Distrito Federal do Brasil, mais precisamente, em Brasília. Os sujeitos participantes pesquisados foram onze pais e doze professores das duas escolas supracitadas.

Nos capítulos seguintes dedicamos a abordar sobre as bases teóricas delineadas sobre bilinguismo e seu reflexo ao ambiente escolar, bem como analisar os dados levantados para esta pesquisa. Finalmente, aproximo ao que-fazer do docente pedagogo acreditando que a formação desse profissional pode ser construída desde cedo, ainda sob a responsabilidade da educação familiar.

1. CONTEXTO E CONCEITOS DO BILINGUISTO

“Uma vez que uma bicicleta tem duas rodas e binóculos são para dois olhos, parece que o bilinguismo é simplesmente saber duas línguas. O objetivo deste capítulo é mostrar que a posse de duas ou mais línguas não é tão simples como ter duas rodas ou dois olhos”.¹

Baker (2006)

O que é bilinguismo? Qual sua função? Por que estudá-lo? Qual a importância para o professor? Este capítulo visa delimitar alguns marcos teóricos referentes ao bilinguismo e refletir sobre sua importância para o professor pedagogo. Partindo da epígrafe que inicia este capítulo pode-se perceber o quão complexo é o bilinguismo.

1.1 A torre de Babel: o bilinguismo no Brasil comparado aos Estados Unidos.

O contexto do Brasil, como o mundo todo, sempre existiram nações multilíngues. Nos Estados Unidos, por exemplo, existiam mais de 300 grupos indígenas com línguas diferentes antes da chegada dos imigrantes europeus.

No Brasil, de uma única língua, foi necessário que os missionários jesuítas aprendessem as línguas indígenas visando propagar, cada vez mais, sua cultura europeia e sua fé cristã.

Até a Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos possuía um grande número de imigrantes, o que gerou um contexto de novas diversidades linguísticas. Essas variedades na fala, inicialmente, eram consideradas boas para o país e eram difundidas por meio de jornais, por exemplo. Vários grupos etnolinguísticos passaram a administrar escolas valorizando seus próprios idiomas. No entanto, o cenário mudou no século XX devido a intensa imigração oriunda principalmente da Alemanha, Irlanda e Inglaterra. Com isso, os imigrantes trouxeram consigo suas próprias línguas e culturas. A língua inglesa sempre foi a principal língua dos cidadãos norte americanos e também utilizada nas escolas. Para Baker (2006), essa inculcação de uma língua sobre a outra aconteceu devido ao crescimento do número de imigrantes após a primeira Guerra Mundial e a valorização da pátria, onde, a partir disso, começaram a acontecer sentimentos anti-raciais. Como confirmação dessa identificação étnica, acontecia o Ato Nacionalista, onde só seriam considerados cidadãos americanos aqueles que falassem a língua inglesa.

¹ “Since a bicycle has two wheels and binoculars are for two eyes, it would seem that bilingualism is simply about two languages. The aim of this chapter is to show that the ownership of two or more languages is not so simple as having two wheels or two eyes.” (Baker, 2006)

O papel da educação era, então, crucial para o processo de socialização e imersão dos filhos de imigrantes à língua americana. O interessante é que até o ensino de línguas estrangeiras deixou de ser ministrado durante as aulas. Essa é uma das atitudes que diferencia o bilinguismo americano do brasileiro.

A visão americana é reforçada quando os russos lançam o Sputnik no espaço. Após o lançamento desse satélite, os EUA perceberam que havia a necessidade de um novo sistema educacional que valorizasse as competências científicas e tecnológicas elevando o conhecimento do seu povo de modo a competir com os outros países. Assim, essa nova necessidade favoreceu ao ensino de línguas estrangeiras, ratificada no ano de 1958 pelo presidente Dwight Eisenhower através do Ato de Defesa Nacional e Educação. Este ato determinava que as escolas deveriam oferecer alguma língua estrangeira desde o ensino fundamental se estendendo às Universidades. Essa nova lei começou a mudar algumas atitudes entre os diferentes grupos étnicos no país. Aprender inglês passou a ser dever para todo cidadão americano, seja nativo ou imigrante.

A partir disso, começaram a surgir diversas discussões a respeito dos direitos civis, voltando-se o olhar não somente para os imigrantes, como também, para questões como igualdade de oportunidades a todos independente da raça, cor ou religião. Vale salientar que a ênfase sempre foi a língua materna americana – o inglês.

Em 1967, o senador Ralph Yarborough dos EUA percebendo o alto índice de repetência entre os hispânicos, propôs o Ato de Educação Bilíngue. Esse programa era destinado as pessoas não falantes da língua inglesa. Além disso, era executado de maneira paralela já que os estudantes aprendiam o inglês juntamente com sua língua de origem até o aluno aprender a língua inglesa de fato.

O acontecimento mais marcante, quando se refere a educação bilíngue, aconteceu em 1970 e é conhecido como Lau vs. Nichols, onde famílias de origem chinesa começaram a entrar na justiça contra o Distrito de São Francisco, defendendo que seus filhos não recebiam educação igualitária já que não eram falantes da língua inglesa. A suprema Corte Americana, após muitos conflitos, determinou que as escolas deveriam oferecer aulas de inglês como segunda língua para ajudar na aprendizagem das crianças imigrantes.

Embora houvesse um grande avanço para essas famílias imigrantes, de acordo com NAIDITCH (2007) o que a lei não estabelecia era de que maneira as aulas deveriam ser elaboradas e quanto tempo seria necessário aos alunos para que desenvolvessem as competências necessárias para a compreensão e fluência do inglês. Isso gerou conflitos e

tornou-se símbolo de luta pela igualdade de oportunidades educacionais de crianças imigrantes.

Esse debate sobre o tempo em que uma criança deve ser ensinada em sua língua materna, assim como na segunda língua, perpetua até os dias atuais. Há quem acredite que a língua materna deve ser desenvolvida até a criança possuir habilidades da leitura e escrita, como defendem os linguistas, por exemplo. E em contrapartida há outros que afirmam que o inglês deve ser introduzido o quanto antes na vida das crianças, para que possam aprender ambas as línguas de maneira natural.

Atualmente, a população americana apoia o ensino de línguas estrangeiras. Esse novo pensamento deve-se ao fato conhecido como “11 de setembro”, acontecimento esse inesquecível para a população americana. A partir desse ocorrido percebeu-se a importância de se conhecer novas culturas e idiomas. Porém, quando se trata de educação bilíngue, os benefícios tanto sociais quanto econômicos são voltados apenas para as classes média e alta da sociedade, e que podemos perceber semelhanças com o Brasil.

No âmbito brasileiro, pode parecer que o bilinguismo é algo recente. Ao contrário, esse tema é recorrente desde sua colonização. Ao chegarem ao Brasil, os portugueses se depararam com uma diversidade de grupos indígenas. Isso fez com que se encantassem com a nova terra e quisessem dominar aqueles que aqui já se encontravam. Aos poucos foram mudando a sociedade de acordo com seus costumes e tradições, surgindo as línguas gerais brasileiras.

A partir de 1530, iniciou-se o processo de imigração como forma de ocupação e exploração da nova terra. Isso contribuiu para formar novas populações, que, com o processo de miscigenação entre índios, portugueses, imigrantes e negros, formaria o que chamamos hoje de sociedade brasileira.

Assim como os povos indígenas, os imigrantes também foram silenciados. Durante a era Vargas houve a nacionalização do ensino e as principais regiões que enfatizavam o uso da língua dos imigrantes eram a sul e sudeste. Essas escolas que privilegiavam outros idiomas foram classificadas desapropriadas e a língua portuguesa foi considerada a única língua permitida para o ensino escolar.

De acordo com David (2007), a primeira escola voltada para educação bilíngue português-ínglês surgiu no ano de 1980 com o objetivo de valorizar e manter o contato dos imigrantes com suas línguas de origem ou por pessoas que vinham passar um tempo e depois retornar aos seus países. Porém, só na década de 90, na cidade de São Paulo, que o número de escolas procuradas por imigrantes aumentou. Nesse ano também foi introduzida a língua

estrangeira nas escolas brasileiras. Na época atual, o número de escolas bilíngues teve um aumento significativo sendo procurada principalmente pelas classes média e alta da população.

Por meio desse histórico, considera-se que o Brasil atual é monolíngue, o que de fato não é verdade. Não podemos esquecer que ainda existem tribos isoladas no interior do norte do país além das comunidades surdas, que também são consideradas bilíngues, dentre outros exemplos.

1.2. Enfim, o bilinguismo.

Muito se fala em bilinguismo, mas qual sua definição? Existem muitos autores internacionais que discutem sobre o assunto e não chegam a um conceito único sobre quem é o sujeito bilíngue. Macnamara (1967) sugere que dentre as quatro habilidades existentes, como a compreensão da fala (oral language), escrita (writing), leitura (reading) e auditiva (listening), o indivíduo precisa estar capacitado apenas em uma dessas competências em uma língua diferente da sua materna. Titone (1972) complementa que ser bilíngue é ter a capacidade de falar uma segunda língua seguindo os conceitos e estruturas desta língua e não apenas reproduzir a língua materna.

O mais comum é encontrarmos termos para bilinguismo como um indivíduo que fala duas línguas distintas e que sua classificação pode variar de acordo com diversos fatores. Mackey (2000 apud Megale, 2005) define que há várias circunstâncias para considerarmos um indivíduo bilíngue. A primeira delas é que o grau de proficiência na segunda língua não precisa ser compatível em todos os níveis linguísticos, por exemplo: um aluno pode saber várias expressões em inglês, mas não compreender como são pronunciadas as palavras.

A segunda é a função e o uso de L2 que pode ser utilizada de diversas maneiras (casa, escola, trabalho), e a terceira é com que frequência esse sujeito alterna entre a L1 e a L2 ou vice-versa. Como exemplo de ambas as questões citadas, podem ser observadas nas escolas consideradas bilíngues, onde os professores se comunicam no interior da escola a língua inglesa e fora dela sua língua materna.

O método a qual cada escola bilíngue adota pode ser diferenciado, porém, normalmente, o que elas utilizam é baseado nos conceitos de imersão encontrados nas teorias de Baker(2006), que nos apresenta a imersão total onde a segunda língua é ensinada pelo professor ao aluno com uso de 100% da segunda língua e após 2 ou 3 anos ir reduzindo essa porcentagem até a criança chegar ao ensino fundamental com aproximadamente 50% de cada

língua, no caso de nosso estudo, o português e o inglês. Isso é verificado na escola 1 (particular) entrevistada onde o ensino da L2 não requer que as crianças aprendam a forma correta de comunicação logo ao serem apresentadas a nova língua tornando assim uma maneira mais significativa e relevante a criança, principalmente na educação infantil, sendo uma maneira similar a aprendizagem da língua materna.

Além dos autores citados acima, outros como Baker e Prys Jones (1998) podem caracterizar quais sejam: Somente são bilíngues pessoas fluentes em duas línguas distintas? São bilíngues indivíduos com competência linguística nas duas línguas?

Para responder essas perguntas, Baker (2006, pág. 2) faz o seguinte comentário:

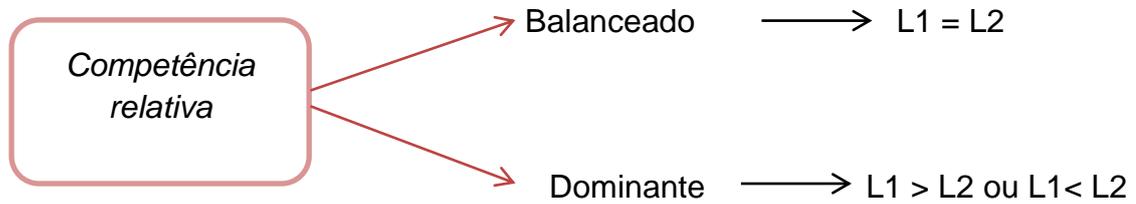
“Se perguntarmos a uma pessoa se ele ou ela fala duas línguas, a questão é ambígua. Uma pessoa pode ser capaz de falar duas línguas, mas tende a falar apenas um idioma na prática. Alternativamente, o indivíduo pode falar regularmente duas línguas, mas sua competência em um idioma pode ser limitada. Outra pessoa pode usar uma língua para uma conversa e outra para escrita e leitura. Uma distinção fundamental é, portanto, entre a capacidade de linguagem e uso da língua. Isto é por vezes referido como sendo a diferença entre o grau e função”².

Apreende-se então que por mais que uma pessoa consiga se expressar em dois idiomas distintos, apenas um deles, a língua materna ou a segunda língua, é falado na prática. Assim, é fundamental analisar os indivíduos de acordo com a circunstância a qual ele se encontra. Para Harmers e Blanc (2000), o bilinguismo se constitui de algumas dimensões: idade de aquisição, status das duas línguas envolvidas, identidade cultural, competência relativa, presença ou não de indivíduos falantes da L2 no ambiente em que a pessoa está inserida e a organização cognitiva. Trata-se de elementos importantes no que se refere a definição das dimensões do bilinguismo.

A Competência relativa compreende a relação existente entre L1 e L2. Desta relação nasce o bilinguismo balanceado e o bilinguismo dominante. No bilinguismo balanceado o sujeito possui o mesmo grau de competência linguística nas duas línguas, independente de qual seja essa competência. No bilinguismo dominante, o sujeito tem maior competência em utilizar uma das duas línguas, sendo, normalmente, a língua materna. A Figura 5 define com mais precisão.

² “If a person is asked whether he or she speaks two or more languages, the question is ambiguous. A person may be able to speak two languages, but tends to speak only one language in practice. Alternatively, the individual may regularly speak two languages, but competence in one language may be limited. Another person will use one language for conversation and another for writing and reading. An essential distinction is therefore between language ability and language use. This is sometimes referred to as the difference between degree and function.”

Figura 5. Competência relativa



Fonte: Harnes e Blanc, 2000.

A dimensão da Organização Cognitiva caracteriza-se pelo bilinguismo composto e o coordenado. No bilinguismo composto, o sujeito formula primeiro seu pensamento em uma língua (geralmente na materna) para então traduzir mentalmente a segunda língua. No bilinguismo coordenado, o indivíduo consegue distinguir as duas línguas de maneira independente, podendo codificá-las e decodificá-las para cada ambiente. É necessário ressaltar que cada sujeito é diferente e pode ser considerado mais composto ou coordenado. Podendo também um mesmo indivíduo ser mais coordenado para algumas situações e composto para outras, cada caso dependerá da forma como essa pessoa aprendeu os idiomas (Figura 6).

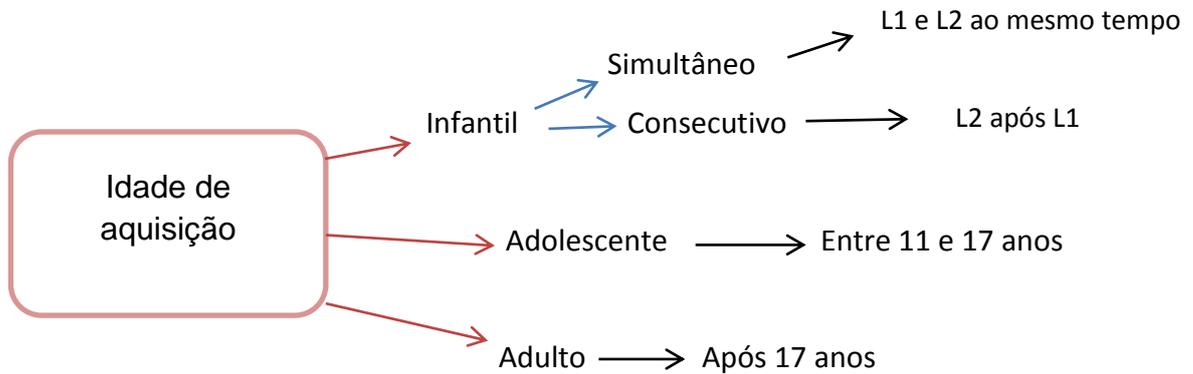
Figura 6. Organização cognitiva



Fonte: Harnes e Blanc, 2000.

A Idade de aquisição (Figura 7) é outra dimensão proposta por Harnes e Blanc (2000) de extrema importância, já que afeta o desenvolvimento linguístico, neuro-psicológico, cognitivo e sócio-cultural do falante. Dentro dessa idade de aquisição pode-se encontrar o bilinguismo infantil e o consecutivo. Esse bilinguismo pode ser entendido de duas maneiras: simultâneo quando a criança aprende as duas línguas ao mesmo tempo, como, por exemplo, as crianças que já nascem em ambientes onde os pais são bilíngues. Por outro lado, no consecutivo, a criança aprende primeiro sua língua materna e em seguida, ainda na infância, adquire a segunda língua. Além do bilinguismo infantil, encontram-se também o bilinguismo adolescente e o adulto.

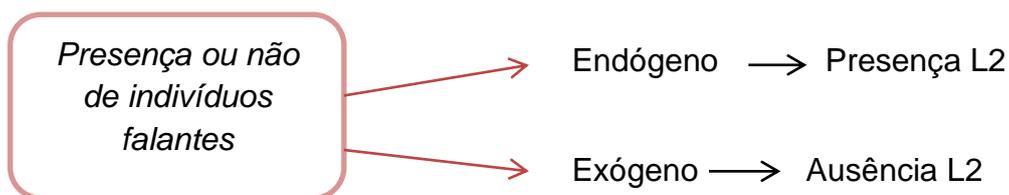
Figura 7. Idade de aquisição



Fonte: Harmes e Blanc, 2000.

A Presença ou não de indivíduos falantes representa o contato do aprendiz com os falantes da segunda língua. É necessário entender com que frequência o uso da L2 se encontra no ambiente e em qual ela está inserida, seja familiar ou escolar. A partir disso pode-se detectar o bilinguismo endógeno e exógeno. O primeiro caso pode ser interpretado como uma sociedade que possui duas línguas, contudo, ambas podem ser utilizadas como nativas ou apenas uma delas, além disso, podem ter, ou não, caráter institucional. O segundo caso, as duas línguas são consideradas oficiais, mas a segunda língua pode não fazer parte da comunidade e não ter caráter institucional (Figura 8).

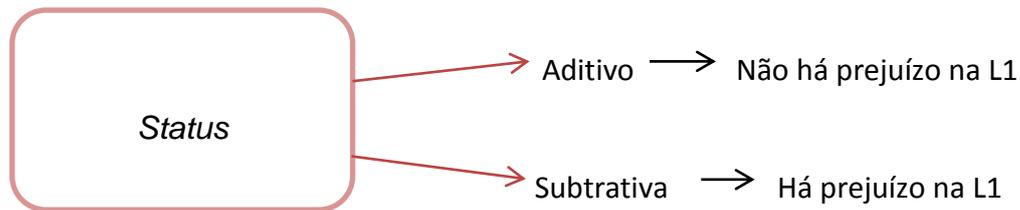
Figura 8. Presença ou não de indivíduos falantes



Fonte: Harmes e Blanc, 2000.

O Status é uma dimensão importante para entender como o ensino da segunda língua está sendo desenvolvido, pois cada indivíduo pode declarar diversas formas de bilinguismo. Dentre estes pode-se encontrar o bilinguismo aditivo, no qual as duas línguas são consideradas iguais e seu desenvolvimento dá-se de maneira igualitária. No bilinguismo subtrativo percebe-se uma perda considerável da língua materna para que a aquisição da segunda língua possa acontecer (Figura 9). É o caso dos imigrantes nos Estados Unidos, por exemplo, como será analisado no próximo tópico.

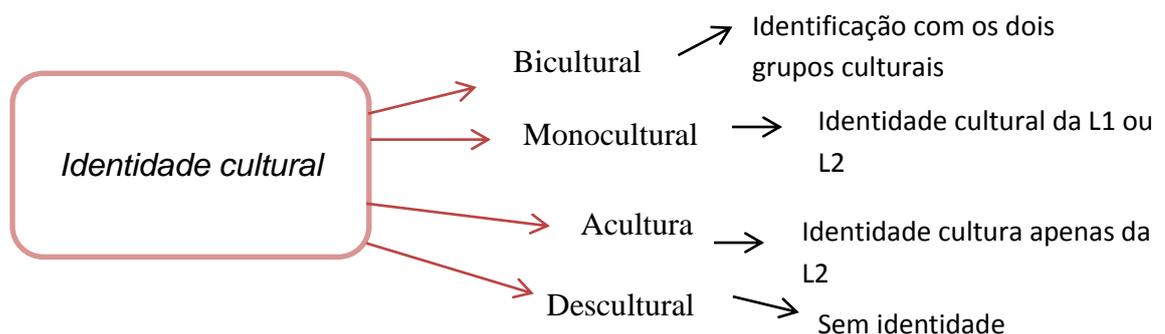
Figura 9. Status do bilinguismo



Fonte: Harmes e Blanc, 2000.

A última dimensão do bilinguismo é a Identidade Cultural. Conforme esta dimensão, os seres distinguem-se pelo sentimento de pertencimento a um determinado grupo ou sociedade apresentando diversificadas culturas. Desse modo, essa identidade cultural, no bilinguismo, pode abranger as seguintes características: biculturais, monoculturais, aculturais e desculturais. As pessoas que se consideram biculturais são aquelas que dispõem de duas culturas e se reconhece por meio de cada uma delas. No bilinguismo monocultural o sujeito se identifica com apenas um dos grupos em questão. Em sequência, o acultural, o sujeito renuncia sua cultura de origem e passa a adotar a cultura dos falantes da língua estrangeira. Por fim, no descultural o indivíduo desiste de sua própria cultura, mas ao tentar adotar a cultura da L2 falha, acabando por não seguir cultura alguma, conforme apresenta na Figura 10.

Figura 10. Identidade cultural do bilinguismo



Fonte: Harmes e Blanc, 2000

A partir disso, pode-se entender que o termo bilinguismo não possui apenas uma definição e pode significar situações diferentes para pessoas diferentes.

Há um estudo no Brasil (Megale, 2005) sobre o bilinguismo tornando-o como educação bilíngue. Evocamos que seja pelo fato de que o ensino e a apropriação da língua

estrangeira é algo próprio da elite. Quem estuda na escola pública não é estimulado a dominar outra língua estrangeira. Mas, pensando bem, qual a importância do trabalhador dominar a L2, se não for para ser explorado? Por que os EUA não reforça o domínio de outra língua que não a nativa?

Os principais autores brasileiros que encontramos e que estudam sobre o assunto são Marcelino (2009), Flory (2008), Megale (2005) e Mello (2010). Porém, apesar de suas pesquisas, remetem-se a autores estrangeiros fazendo adaptações ao contexto brasileiro. Por esse motivo, decidimos por pesquisar os autores comentados anteriormente, como forma de verificar se as teorias estrangeiras também são válidas a nossa realidade. No tópico 2.1, haverá um melhor entendimento sobre como esse conceito de bilinguismo pode ser visualizado na prática.

2. A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA BILÍNGUE

Educação de qualidade é aquela que a escola promove para todos os domínios dos conhecimentos. (LIBÂNEO, 2005, p.117).

Neste capítulo abordaremos sobre a função social, o contexto e as implicações pedagógicas da escola bilíngue no Brasil sob a perspectiva de pais e professores de duas escolas do DF.

A missão da escola, nos tempos atuais e de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), é promover o pleno desenvolvimento do aluno preparando-o para a cidadania e qualificando-o para o trabalho. Esta lei proporciona aberturas para a escola redefinir suas estruturas, seu projeto pedagógico, seu papel na atualidade. Para tanto, é importante nutrir esperança em uma escola diferente e na vontade de mudar valorizando o trabalho coletivo e a participação da comunidade escolar.

Sabe-se que o papel da escola é formar o cidadão crítico preparando-o para a sociedade e qualificando-o para o mercado de trabalho. Fato esse que podemos entender melhor quando Saviani (2000) ressalta que o homem é um ser situado no tempo e no espaço determinante e determinado pela cultura em que o cerca. Para Saviani (2000, p.35):

(...) a educação visa o homem; na verdade, que sentido terá a educação se ela não estiver voltada para a promoção do homem? (...) uma visão histórica da educação mostra como esta esteve sempre preocupada em formar determinado tipo de homem. Os tipos variam de acordo com as diferentes exigências das diferentes épocas. Mas a preocupação com o homem é uma constante.

Logo, podemos perceber que é fundamental a escola garantir a possibilidade do sujeito tornar-se livre, consciente e responsável. Entretanto, isso não é trabalho exclusivo da escola, as demais esferas sociais também devem contribuir para essa liberdade proporcionando ao sujeito o direito de procurar, investigar, questionar, refletir, buscando soluções para os problemas do cotidiano enquanto ser social.

Dessa forma, a função da escola pode ser entendida também como um mecanismo de socialização e de inserção social levando o sujeito ao caminho para construção de sua consciência crítica e da ética. Cabe a escola difundir e exercitar a capacidade de reflexão, de criticidade e de trabalho não-alienado do sujeito na sociedade, para que ele venha desenvolver integralmente sua personalidade enquanto cidadão autônomo e emancipado, como destaca Kuenzer (2003).

Outra importante função social da escola é garantir a aprendizagem de conhecimentos, habilidades e valores necessários à socialização do indivíduo. Estas aprendizagens devem constituir-se em instrumentos para que o aluno compreenda melhor a realidade que o cerca, favorecendo sua participação em relações sociais cada vez mais amplas, possibilitando a leitura e interpretação das mensagens e informações que hoje são amplamente veiculadas, preparando-o para a inserção no mundo do trabalho e para a intervenção crítica e consciente na vida pública. É necessário que a escola propicie o domínio dos conteúdos culturais básicos, da leitura e da escrita, das ciências, das artes, das letras. Sem essas aprendizagens, dificilmente ele poderá exercer seus direitos de cidadania.

Segundo Penin e Vieira (2002), a proposta de educação atual, exige que a escola desenvolva integralmente a personalidade do aluno, explore todos seus talentos, sejam eles na área da memória, raciocínio, imaginação, capacidade física, no sentido de estética ou na facilidade de comunicar-se com os outros. As novidades provenientes dessa nova visão de escola exigem também um novo perfil de professor que deve estar preparado para atender as necessidades do novo aluno, em prol da construção do conhecimento. Faz-se, portanto, necessário analisar o papel destas três peças-chave do processo ensino-aprendizagem: o professor, o aluno e o conteúdo.

Como a escola bilíngue se configura no contexto sociocultural do Brasil?

O Brasil, diferentemente de outros países, tem em sua cultura a supervalorização de uma segunda língua como habilidade primordial para alcançar sucesso ou ascensão social. Esse fato é reforçado pelo atual panorama socioeconômico e político mundial estimulado pela globalização, crescendo, cada vez mais, a necessidade de se dominar um segundo idioma. Atentas a essa demanda, muitas escolas começaram a oferecer em seus serviços a opção pela Educação Bilíngue.

As escolas bilíngues difundem em seus currículos que seu objetivo maior é proporcionar ao aluno sua imersão no universo sonoro de um segundo idioma. O aluno recebe estímulos na segunda língua, e da mesma maneira que imita os gestos dos adultos que o rodeiam, tende a reproduzir os sons que ouve. Mas o bilinguismo não se reduz à questão fonética, pois aborda aspectos paralinguísticos valiosos, como, por exemplo, a abertura à diversidade cultural contida nas estruturas das línguas.

Existem diferenças entre escolas estrangeiras e escolas bilíngues. As primeiras adotam como primeiro idioma aquele do país de origem, enquanto o português passa a ser a segunda língua. Já nas escolas brasileiras bilíngues, acontece o inverso: o currículo é brasileiro, assim como o idioma materno, e o aluno aprende outra língua simultaneamente. A

principal característica das escolas bilíngues é que, nelas, utiliza-se uma língua estrangeira nas rotinas escolares. Não se trata de dar muitas aulas de um idioma estrangeiro, mas de ensinar as diferentes disciplinas nesse idioma.

Em algumas regiões em que os habitantes utilizam dois idiomas, ambos são ensinados na escola. É o que acontece, por exemplo, em aldeias indígenas do norte e do centro-oeste do Brasil em que as crianças aprendem a falar português e tupi-guarani.

Na Educação Infantil bilíngue, todas as disciplinas são ministradas em inglês, na totalidade do tempo em que o aluno permanece na escola. Os professores têm como formação profissional os cursos de Letras ou Pedagogia e falam um segundo idioma fluentemente, seja por terem estudado, morado ou trabalhado em outro país, seja pelo fato de serem estrangeiros.

Entretanto, o Português é peça fundamental do aprendizado, e, em nenhum momento, uma escola bilíngue pode desprezar a língua materna, que é um ativo importante do indivíduo, sendo o domínio dela essencial, e por isso não deve ser prejudicado pela Educação Bilíngue, ou seja, deve ser desenvolvido com a mesma ênfase. Não se trata da substituição da língua materna, e sim do acréscimo do segundo idioma no aprendizado.

A escolha pela escola bilíngue geralmente ocorre pelo encantamento dos pais às propostas pedagógicas dessas escolas. Para entender melhor como é feita a escolha por uma escola bilíngue fizemos uma pesquisa qualitativa utilizando-se entrevista a um grupo de pais e professores, sendo o primeiro grupo de uma escola bilíngue particular e o segundo de escola pública, ambas localizadas no Distrito Federal.

Foram entrevistados onze responsáveis por um grupo de alunos do toddler (creche) da Educação Infantil de uma escola particular bilíngue. O questionário 1 (Apêndice A) compõem-se de doze questões em que abordam sobre: a opção pela escola para educação formal de seus filhos; como tomou conhecimento da escola; através do que ou de quem. Outra parte de questões abordam sobre o grau de fluência dos responsáveis em outra língua, em que medida o inglês circula no ambiente familiar e os aspectos positivos e negativos no desenvolvimento das aulas nessa escola bilíngue.

O Questionário 2 (Apêndice B), foi aplicado para 12 professores de uma escola pública. O instrumento estava constituído de dez questões fechadas de múltipla escolha. O respondente deveria completar a frase com as opções de palavras. As questões versavam: a opinião sobre o uso de outras línguas para comandar/liderar; se é um direito de todos ou para uma minoria; qual o propósito desse tipo de educação bilíngue; qual sua importância para a sociedade e qual tipo de educação bilíngue existe no Brasil.

2.1. Análise dos dados

A análise dos questionários foi incrementada pela Análise dos recortes de discursos respondentes. Esta decisão visou facilitar o que concretamente encontramos na pesquisa.

Uma das questões (tabela 1) expressa no questionário 1 (Apêndice A) perguntava por que o responsável optara pela referida escola. Oitenta e dois por cento (82%) deles confirma o interesse pela educação bilíngue e dezoito por cento (18%) afirmam ser a proposta pedagógica o atrativo pela definição da escola.

Tabela 1. Escolha da escola pelos pais

Motivos	% de pais
Proposta bilíngue	82
Proposta pedagógica	18
TOTAL	100

Fonte: questionário aplicado pela autora (apêndice A)

Ser bilíngue é o maior atrativo dos pais em colocar seus filhos ali. Um deles afirma que “optei [...] por ser uma escola bilíngue, por gostar do conteúdo pedagógico e da forma como [...] é repassado às crianças. Ainda é uma das escolas que tem mais auxiliares por turma” (Responsável B).

Nota-se a partir dessa resposta que a escola foi escolhida pelo atrativo da proposta pedagógica e da forma diferenciada de como os conteúdos são ensinados. No entanto, ao término de seu relato, nota-se uma frase que chama atenção: “[...] ainda é uma das escolas que tem mais auxiliares por turma”, que pode ser interpretada com duas intenções. A primeira como forma de segurança em confiar nas professoras para a educação de seus filhos, mas, em contrapartida, na segunda interpretação a escola pode ser analisada como um “depósito” já que é necessário deixar a criança em um ambiente seguro, com mais pessoas que possam suprir todas as suas necessidades enquanto o responsável está no trabalho.

Perguntou-se aos responsáveis de que maneira ou por quem ele tomou ciência da escola. Quase todos eles (80%) afirmaram ter recebido informações dos amigos e dezoito por cento (18%) afirmaram ter sido os familiares a lhes informar sobre a escola.

Outro item questionava se a escola bilíngue deveria ser para todos ou para uma minoria. A resposta dos responsáveis foi unânime: ela deve ser para poucos. Para outro grupo de sujeitos, professores atuantes na escola 2, se fez a mesma pergunta, o que nos espantou porque expressaram a mesma opinião dos pais da escola 1: a escola bilíngue ou de educação bilíngue é para poucos.

Isso pode evidenciar, de acordo com Marcelino (2009), que a escola bilíngue deixa de ser escolhida tendo como base a proposta de ensino e a tradição e pode ser confundida como um modismo a ser seguido por vários, principalmente entre as classes dominantes da população. Isso pode ser visto também no questionário 2 (Apêndice B), nas respostas fornecidas pelos professores da escola pública, como observado no discurso do Responsável A que “Através de uma amiga minha. Fomos conhecer algumas escolas juntas, entre elas a escola X.”.

É necessário ter cautela ao optar por uma escola bilíngue ou por qualquer instituição de ensino. É imprescindível ao responsável pela criança refletir sobre o motivo por essa escolha, analisar o projeto político pedagógico, a grade curricular, a formação dos professores, o ambiente escolar, dentre outros aspectos que favoreçam a aprendizagem das crianças, bem como a promoção da autonomia.

Questionou-se os responsáveis sobre as razões em escolher uma escola bilíngue. Todos afirmaram escolhe-la por promover uma linguagem universal, ou seja, o inglês. Dois deles responderam que “Hoje eu sinto muita falta de ser fluente em inglês e vejo a importância que esse idioma tem no cotidiano das pessoas em geral nos dias de hoje. E aprender o inglês desde cedo acredito que seja muito mais fácil e duradouro.” (Responsável A). O responsável J afirmou que “Em razão da importância notória e superior do inglês em relação às demais.”.

Compreende-se dessa citação que além da escolha pela escola, o primeiro responsável faz uma “transferência de desejos” onde suas projeções são transferidas ao seu filho (a) para que ele (a) conquiste mais do que seu responsável conquistou. Skutnabb – Kangas (1981) confirma isso quando cita que os pais geralmente querem que seus filhos aprendam bem a “língua majoritária” especialmente para garantir que as crianças tenham melhores perspectivas educacionais e econômicas do que os próprios responsáveis tiveram ou tem no momento.

Na fala do responsável J a língua inglesa torna-se “superior” até mesmo a língua materna da criança, no caso, o português. Skutnabb – Kangas (1981) confirma o que visualizamos acima quando destaca que:

“Alguns pais, ignorantes quanto a importância da língua materna, irão dar prioridade exagerada para outra língua em detrimento de sua própria”.³ (Tradução da autora)

³ “Such parents, ignorant of the importance of the mother tongue, will give undue priority to the majority language at the expense of their own.” Skutnabb – Kangas (1981).

É necessário que os pais e até mesmo a escola percebam que cada língua é importante, particular e útil para cada comunidade, o que desempenham diversificados valores, independente dessa comunidade ser grande ou pequena como destaca o responsável K ao afirmar “Porque meu marido é funcionário da empresa norte-americana e podemos mudar para os EUA a qualquer momento.”.

Diferentemente dos casos anteriores, o responsável K foi o único dentre os demais entrevistados que afirma ter colocado seu filho na referida escola por ter uma finalidade em mente: moradia no exterior.

Quarenta e cinco por cento (45%) dentre os entrevistados consideraram que escolas não bilíngues são desvantajosas porque não proporcionam aprendizagem da língua estrangeira na idade certa. Vejamos algumas das respostas:

“Fazem com que a criança não aprenda outra língua na época ideal.”

(Responsável G)

“No mundo de hoje, em que acredito que o inglês não é mais um diferencial e sim faz parte da educação nos melhores centros, essas escolas (não bilíngues) estão em grande desvantagem.”

(Responsável I)

Os responsáveis G e I demonstraram em suas respostas um certo preconceito em relação a escolas não-bilíngues, considerando que as mesmas se encontram em desvantagem quando comparadas a escolas bilíngues. Esse discurso ecoa o pensamento da elite demonstrando, claramente, o desconhecimento pedagógico da decisão pela escolha da escola.

Outro item do questionário 1 aborda sobre um fato ou elemento que o responsável considera importante da outra cultura promovida pela escola bilíngue. Quarenta e cinco por cento (45%) deles afirmam ser a disciplina e outros cinquenta e quatro por cento (54%) a outra cultura. O que vai confirmando o que nos adverte Skutnabb-Kangas (1981) sobre a superioridade massiva da segunda língua.

Não podemos negar que a educação bilíngue encoraja a diversidade linguística e o multiculturalismo, afirmação dada pelos responsáveis e professores entrevistados. Para eles a cultura internacional por ser diversificada da cultura brasileira torna-se interessante de forma a oferecer um maior atrativo àqueles que buscam aprimorar uma segunda língua.

Indagados se falam inglês, oitenta e um por cento (81%) dos responsáveis afirmaram, sendo que apenas vinte e sete por cento (27%) são fluentes. Isso pode ser comparado ao que Baker (2006) chama de “equilíbrio entre duas línguas”, isto é, raramente

bilíngues ou multilíngues são iguais em suas habilidades ou usos entre a língua materna ou segunda língua, mas apenas uma dessas línguas é a dominante. Podemos inferir então, que a língua portuguesa, ainda é a língua mais influente nas famílias que se propõe a colocar os filhos em escolas bilíngues. Vale salientar também que 73% dos responsáveis destacaram ser frequente o uso da língua inglesa no ambiente vocabular das suas famílias.

Pode-se analisar que a segunda língua é utilizada frequentemente no vocabular da família, o que Skutnabb – Kangas (1981) chama de “bilíngues de elite”. Esse grupo é composto, na maioria dos casos, por pessoas que decidiram tornar-se bilíngues livremente, isto é, sem pressões externas da sociedade. O bilinguismo para essas crianças ou jovens caracteriza-se de maneira voluntária, incluindo pessoas de classe média ou alta que viajam frequentemente, moram no exterior por tempo determinado ou são família de diplomatas, funcionários públicos internacionais, dentre outros. As crianças podem também possuir babás ou empregadas que vieram trabalhar no país e que não falam a língua materna da criança facilitando a aprendizagem dessa segunda língua. Skutnabb – Kangas (1981) continua comentando que essa experiência com viagens internacionais ou empregadas estrangeiras não resultará em um problema para a criança, pelo contrário, resultará em algo positivo e enriquecedor ao seu nível individual.

Indagou-se também aos responsáveis para quem seria destinada a educação bilíngue. Eles responderam que seria para uma minoria/elite. Aplicamos a mesma pergunta aos professores da escola 2 (pública) e a resposta foi a mesma. Portanto, a educação bilíngue é algo exclusivo para elite, considerando os vários motivos aqui apresentados.

Ao contrário desse grupo de elite, encontram-se o que o autor chama de “minorias linguísticas” em que as crianças estão sujeitas a uma forte pressão externa da sociedade para se tornarem bilíngues como pode ser evidenciado anteriormente. Além disso, as crianças desse grupo sofrem também com pressões internas de seus pais que normalmente querem que seus filhos aprendam além de sua língua materna uma segunda língua, pois desejam que as crianças e jovens tenham melhores perspectivas educacionais e econômicas do que eles próprios.

Outro ponto a ser enfatizado pelo autor é que os métodos e conteúdos trabalhados em sala de aula para ajudar essas crianças a se tornarem bilíngues estão longe de ser de boa qualidade, o que pode fazer com que essas crianças fracassem no decorrer do curso gerando algumas consequências como, por exemplo, a não capacitação para se inserir no mercado de trabalho.

A partir da configuração do bilinguismo dada pelos responsáveis e professores, pode-se concluir que o bilinguismo no Brasil apresenta algumas idiossincrasias tendo em vista as dimensões expressas por Harmes e Blanc (2000).

A competência relativa do bilinguismo aproxima-se do dominante porque o sujeito tem “maior competência” na segunda língua, mesmo contra sua própria vontade ou sem ter consciência disso, como é o caso dos alunos da escola 1.

Na dimensão da organização cognitiva o bilinguismo apresenta-se composto e coordenado, simultaneamente, tendo em vista a metodologia ali utilizada. Os professores ora promovem atividades em que os alunos fazem uso do bilinguismo composto, ou seja, formulam primeiro pensamento na língua materna, ora coordenado quando o sujeito distingue as duas línguas independentemente.

A dimensão da idade de aquisição do bilinguismo, nos casos estudados nesta pesquisa, constatou-se que as idades apresentam-se variadas entre crianças de 2 a 12 anos na escola 1 e jovens e adultos a partir de 12 anos na escola 2.

Na dimensão da presença ou não de indivíduos falantes, constatou-se um bilinguismo exógeno na Escola 2, tendo em vista que a segunda língua não faz parte da cultura em que o sujeito está inserido. Contudo, na Escola 1, o sujeito aprende não somente sua cultura como também a cultura canadense.

No que se refere ao status do bilinguismo, constata-se nos discursos dos entrevistados a ausência de um bilinguismo aditivo, pois as duas línguas não são consideradas de maneira igualitária. Na escola 1 a língua predominante é a L2 e na escola 2 a língua predominante é a L1.

A identidade cultural no bilinguismo, conforme os discursos dos entrevistados é, em sua parte, monocultural quando o sujeito se identifica com apenas um dos grupos em questão, com traços de acultural passando a adotar a cultura dos falantes da língua estrangeira.

Os resultados da pesquisa nos fazem concluir que o bilinguismo no Brasil ainda é pouco compreendido além de existir uma interpretação conceitual errônea. Para a cultura brasileira, as entrevistas e os teóricos confirmam, há uma visão preconceituosa de que o bilinguismo é algo exclusivo da elite e que é preciso sufocar a língua materna para se considerar bilíngue. Entendemos que ser bilíngue é da natureza de todo ser humano que se comunica e se relaciona com os outros, além disso, é preciso entender como ocorre a mediação do bilinguismo.

Concluimos, então, que o bilinguismo se configura, principalmente, conforme a cultura de cada país. Enquanto nos EUA o bilinguismo se apresenta como algo fundamental

para o desenvolvimento de sua economia, como forma de inserir os imigrantes no mercado de trabalho, no Brasil, do ponto de vista da língua estrangeira, ser bilíngue é considerado uma prática para poucos privilegiados, porém, após explicações anteriores, é necessário compreender o contexto desse indivíduo. Se aprende outra língua para dominar outros espaços e poderes que tornarão o sujeito no topo do triângulo social, o que ao nosso entender é uma posição que fragiliza o país e a educação escolar, como um todo, desvalorizando, principalmente, o ensino da língua estrangeira como parte obrigatória do currículo das escolas públicas e privadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade deste estudo foi analisar o sentido do bilinguismo para alguns responsáveis e professores de duas escolas do DF. Nos apropriamos dos discursos desses personagens como caminho metodológico de investigação. Conforme anunciado no primeiro capítulo, o memorial, este tema/problema tem acompanhado a nossa trajetória de vida, nos instigando, a todo momento, entender e experimentar o bilinguismo como uma prática fundamental ao homem do terceiro milênio da era da informação.

Os estudos aqui realizados desvelaram um desejo que a muito tempo aflorara em mim, futura professora, o desejo de utilizar a segunda língua (L2) como recurso didático-pedagógico. Como pedagoga, professora das séries iniciais da Educação Básica, constato o quão importante é o professor dominar outro idioma fazendo uso pedagógico em sala de aula e promover a construção do conhecimento dos meus alunos. A proficiência em outro idioma possibilita conhecer outros pontos de vista, outras práticas de modo autônomo e emancipado.

O bilinguismo não se trata de algo exclusivo de poucos privilegiados, mas uma habilidade que contagia a todos, tendo em vista que grande parte do vocabulários do inglês, por exemplo, está inserido em outros idiomas, seja por razões comerciais, políticas, religiosas, tecnológicas ou científicas. Portanto, reforço a ideia de que o Brasil desconhece o uso democrático dos diversos idiomas e sua importância para o desenvolvimento do país e da cultura brasileira.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Quando passei para o curso de pedagogia, no Instituto Federal do Pará, não imaginava o que me esperaria no futuro. Como toda experiência nova, fiquei com medo, apreensiva. Apesar de ter crescido com uma educadora, estava em uma fase da adolescência em que era necessário fazer escolhas, e algumas perguntas como: “Será que gostarei do curso? É isso mesmo que quero?”, rondavam minha mente. Ao iniciar o curso, percebi como o pedagogo é um profissional que tem muita importância em seu campo profissional e precisa estar preparado a atender e entender a diversidade, o processo de aprendizagem e os desafios do dia-a-dia que poderão ser assimilados entre a teoria estudada e a prática. Além disso, o pedagogo possui vários campos de atuação em meios não-escolares.

Estar em sala de aula pela primeira vez, mesmo como professora assistente, me fez entender a importância do professor com relação ao seu meio profissional. Ele precisa lidar não somente com a educação de seus alunos, como também pais, coordenadores, direção, planejamento... E percebi que não seria uma tarefa fácil. Nos primeiros meses tive algumas decepções, já que ainda não tinha experiência na área. Fui aprimorando com o passar do tempo e hoje sei a pedagoga que desejo ser.

Atualmente, sou professora assistente em uma escola bilíngue e educo crianças de 2 a 3 anos de idade. Sou completamente apaixonada pelo que faço e aprendo todos os dias com as crianças. Planejo, assim que me formar assumir uma turma como professora titular. E como acredito que o bom profissional é aquele que não para de aprimorar seus conhecimentos, pretendo continuar meus estudos com mestrado e doutorado com a mesma linha de pesquisa desta monografia.

Como iniciativa para a continuação dos estudos, fui incentivada pela professora Otília Dantas a apresentar um artigo sobre o assunto desta monografia na Conferência IETC (International Educational Technology Conference) que acontecerá na cidade de Chicago em setembro deste ano. Estou muito feliz com mais este êxito.

No memorial, antes de iniciar as explicações sobre bilinguismo, não sabia se poderia ser considerada como bilíngue. Porém após este estudo, posso afirmar que sou bilíngue e que faço parte de uma minoria linguística, pois, por não pertencer a elite da sociedade preciso aprimorar meus conhecimentos como forma de capacitação ao mercado de trabalho.

Concluído o trabalho, retomo a frase que inicio o primeiro capítulo: *“Bel é uma menina cheia de imaginação e de perguntas sobre a vida. No convívio imaginário com o passado, Bel passa a entender melhor seu presente e começa a projetar seu futuro. Três tempos e três vivências que se cruzam e se completam numa só pessoa: a menina Isabel”*. Portanto, espero que tenha me feito entender por que Bel bilíngue intitular o primeiro capítulo.

Este semestre, dentre o trabalho na escola pela manhã, aulas a tarde e a noite na UnB e uma monitoria, tive praticamente os finais de semana para estudar, fazer trabalhos e escrever a monografia. Privei várias situações de lazer com amigos e família, mas não me arrependo. Acredito que meu esforço está sendo recompensado e enfim poderei dizer com orgulho: “Sou educadora!”.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTI, M. **Estudos Sobre Educação Bilíngüe e Escolarização em Contextos de Minorias Lingüísticas no Brasil**. DELTA, vol.15, no.spe, 1999, p.385-417.
- DAVID, Ana Maria Fernandes. **As concepções de ensino-aprendizagem do projeto político-pedagógico de uma escola de educação bilíngüe**. São Paulo: 2007. Dissertação de mestrado em linguística aplicada e estudos da linguagem. PUC/SP.
- FLORY, Elizabete Villibor. **Influencias do bilinguismo precoce sobre o desenvolvimento infantil: uma leitura a partir da teoria de equilíbrio de Jean Piaget**. Tese de doutorado, 2008.
- HARMERS, J e BLANC, M. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- KUENZER, Acácia Z., **As relações entre conhecimento tácito e conhecimento científico a partir da base microeletrônica: primeiras aproximações**. Educar, Curitiba: Editora UFPR, p. 43-69, 2003.
- MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**. 3. Ed. São Paulo: Moderna 2007.
- MARCELINO, Marcello. **Bilinguismo no Brasil: significado e expectativas**. *Revista Intercâmbio*, volume XIX: 1-22 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x
- MEGALE, Antonieta Heyden. **Bilingüismo e educação bilíngüe – discutindo conceitos**. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 3, n. 5, agosto de 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].
- NAIDITCH, Fernando. **Educação bilíngüe e multiculturalismo: O exemplo americano** *Educação*, vol. XXX, núm. 61, janeiro-março, 2007, pp. 133-147, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Brasil
- PENIN, Sônia T.S; VIEIRA, Sofia. L. **Refletindo sobre a função social da escola**. In: VIEIRA, Sônia Lerche (Org.). *Gestão da escola: desafios a enfrentar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.13 a 43.
- SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 35º Ed. Campinas, S.P: Autores Associados, 2002.
- SKUTNABB-KANGAS, Tove. **Bilingualism Or Not: The Education Of Minorities**. Multilingual Matters, 1981. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=70UUGw7UM6AC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: maio de 2014.
- WEI, Li. **Dimensions of Bilingualism**. In: Li Wei, *The Bilingualism Reader*. London; New York: Routledge, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos pais da escola 1 (particular)



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Departamento de Métodos e Técnicas

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PAIS

Prezados pais, eu, Isabel Machado da Silva, aluna da Universidade de Brasília, sob orientação da professora Otília Maria A. N. A. Dantas, estou em processo de elaboração de projeto, cuja temática é **Bilinguismo no Brasil: um estudo em duas escolas do DF** e tem como objetivo propor uma reflexão sobre *bilinguismo e o sujeito bilíngue*.

Neste sentido, em atendimento ao que prescreve na resolução CNS 196/96 determina que todo e qualquer trabalho realizado com seres humanos necessita de autorização, solicito aos senhores que respondam ao questionário abaixo, caso esteja de acordo em colaborar neste processo.

Lembrando que todos os dados coletados serão trabalhados dentro da ética, resguardando as informações e identificação pessoal.

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____ CPF nº _____ autorizo a aplicação do questionário destinado a investigar o tema supracitado de autoria de Isabel Machado da Silva, aluna do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação/Universidade de Brasília.

Questionário:

1) Por que optou pela escola ***** como instituição responsável pela educação formal de seus filhos?

2) Através de quem ou do que tomou conhecimento desta escola?

3) Já que decidiu por colocar seu filho em uma escola bilíngue, por que o inglês?

4) O que dizer das escolas que não são bilíngues?

5) Destaque um elemento/fato que considera importante na cultura canadense.

6) Você fala inglês:

() Sim () Não

Em caso positivo, fala:

() Fluente
() Não fluente

7) Mais alguém da família fala inglês?

() Sim () Não

Quem: _____

8) Além desta, seu filho estuda em alguma outra escola? Caso afirmativo, por quê?

9) Qual a idade certa para introduzir o filho na vida escolar? Por que?

10) De que maneira e com que frequência a língua inglesa circula no ambiente vocabular da família?

11) Percebe algum progresso no seu filho quanto ao uso da língua inglesa?

12) Apresente 3 aspectos positivos e 3 negativos que você observou quanto ao desenvolvimento das aulas na Escola **** durante 2013.

POSITIVOS:

NEGATIVOS:

Brasília, ___/___/___

Assinatura

APÊNDICE B – Questionário aplicado aos professores da escola 2 (pública)



**Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Departamento de Métodos e Técnicas**

PLANILHA PARA ANALISAR CASOS DE EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Nós (ou eu) acho que ...

1. Os líderes da sociedade veem diferentes linguagens em suas comunidades como:
 problema recurso direito

2. Os líderes estão tentando _____ na/a língua nativa das crianças.
 mudanças manter como está desenvolver/melhorar

3. Esta educação é para _____ dos alunos:
 Maioria minoria

4. Educação para esses alunos é principalmente _____ na sua linguagem
 língua materna segunda língua/ língua estrangeira

5. Essa educação tem o propósito de:
 assimilação da língua dos estudantes para uma cultura diversificada
 encorajar a diversidade linguística e multiculturalismo

6. O resultado do sistema educacional ou o resultado para os estudantes é:
 elite
 popular

7. A educação bilíngue:
 É interessante porque _____
 Muito importante porque _____
 Não conhece
 Não faz diferença porque _____

8. Isto porque:

- os alunos podem ser bilíngues, mas sua língua nativa não é usada na escola
- alunos aprendem todos os assuntos em seu idioma nativo
- estudantes tem algumas aulas de línguas estrangeiras ensinadas na sua língua nativa
- alunos aprendem em dois idiomas, mas não o suficiente para tornar-se bilíngue
- alunos podem aprender o suficiente em ambas as línguas para se tornar bilíngue (e possivelmente bicultural)

9. Este tipo de educação bilíngue é na forma de:

- submersão {ensinada apenas na segunda língua}
- segregacionista {desigual ou injusta}
- adaptação {acompanhar o sujeito para inserção na segunda língua}
- ideia com ensino de línguas estrangeiras
- separatista
- imersão {língua materna utilizada para facilitar aquisição dos conhecimentos}
- herança
- dupla linguagem
- bilíngue dominante

[Se o programa não é chamado de imersão, parar após o item n ° 9 . Se ele é chamado de imersão, adicionar item # 10]

10. É:

- realmente enriquecimento, porque o ensinamento é inferior a 50% no segundo idioma
- imersão parcial
- imersão total
- não imersão
- imersão adiantada (começando em torno de pré-escola)
- imersão mediana (começando em meados do ensino fundamental)
- imersão tardia (começando em torno de escola secundária)

Obrigada pela colaboração!